

Discurso para um Irmão

Deixem-me contar-vos uma história. Esta história é a história da minha família. É uma história com a qual eu aprendi a viver desde que me lembro. Conto-vos esta história porque quero que pensem, que reflitam, que desafiem as vossas próprias ideias sobre o que constitui ser humano e em que parte é que a fala se aplica em ser-se humano.

Esta história começa à cerca de 22 anos. Estamos em Dezembro de 1991 num hospital mesmo do outro lado do Tejo. Neste hospital, uma criança, um rapaz, tinha acabado de nascer a um extasiado casal de imigrantes Cabo-Verdianos. De acordo com todas as avaliações, o rapaz era saudável e como todos os bebés antes e depois dele começou a desenvolver a habilidade, a aptidão a que chamamos fala... mais tarde proferiu “Mãe”, “Pai”. Mas contrariamente à maioria das outras crianças, quando completou um ano de idade, o rapaz estava silencioso. Isto alarmou muito os pais e muito rapidamente souberam a verdade, que alguma coisa estava terrivelmente errada com o seu bebé e que ele, para além de uns poucos sons, iria permanecer silencioso para o resto da sua vida. Este rapaz tinha autismo. Este rapaz é o meu irmão. O meu irmão é incapaz de comunicação, pelo menos da maneira como estou a comunicar convosco nesta sala. Ele não consegue formar palavras e os sons que ele faz não são coerentes. Ele não tem linguagem, discurso, ou técnicas de debate. Pessoas como o meu irmão serão para sempre barradas de uma das mais gratificantes partes da experiência humana. Senhoras e Senhores, “ser humano” não é necessariamente “discutir”. Não posso aceitar que a experiência humana se limite à capacidade individual de diálogo. Porque se eu o aceitasse, se vocês aceitarem, se nós apoiarmos a ideia de que para ser humano é preciso ser-se capaz de discutir, então temos também que admitir que o meu irmão e aqueles que sofrem da mesma ou semelhantes condições não são humanos no verdadeiro sentido da palavra.

A declaração de que “ser humano” é “discutir” tem, no entanto, o seu mérito. O que de facto nos separa dos animais não é a nossa inteligência ou a nossa capacidade de comunicação. Não, o que verdadeiramente nos faz únicos é a nossa capacidade para debater, inventar e imaginar. Discussão e debate originam novas ideias, as quais na volta dão origem à ação, que pavimenta o caminho para a mudança e o progresso. A discussão é que nos permite verdadeiramente exprimir os nossos pontos de vista e crenças e é a única forma que temos de partilhar experiências e de verdadeiramente conhecermos os outros. No entanto, dizer que “ser humano é discutir” é reduzir o todo a só um dos seus componentes; ser humano envolve muitas dimensões em que o discurso é apenas uma.

É verdade que eu nunca saberei o que se passa dentro da cabeça do meu irmão ou o que ele aprendeu ou realizou naquele dia. Ele não se pode queixar; dizer que está a sofrer ou que alguém o magoou. Mas isso não lhe retira a sua humanidade, a prova da qual eu vejo todos os dias. O meu irmão ri como eu e vocês, mesmo que ninguém entenda o motivo do seu riso; é curioso, tal como qualquer criança normal é, abrindo

gavetas, rasgando papéis, procurando nos armários alguns novos brinquedos ou divertimentos. Está frequentemente desesperado a lutar com dores de cabeça ou algum inimigo invisível e a dor que ele sente não é menos real simplesmente porque ele não pode dizer onde ou quanto lhe dói.

Em Resumo: debate e discussão enriquecem imenso a experiência humana e sem eles a sociedade moderna e a civilização não existiriam. São indispensáveis para o nosso progresso como espécie e para o nosso próprio desenvolvimento... Todavia a sua falta não nos impede de sermos humanos, uma vez que existem várias dimensões em que a humanidade e a personalidade são expressas para além da fala. “Ser humano” não é necessariamente “discutir”.

Diogo Miguel Fortes

Speech presented in the ESU Portugal Public Speaking Competition, March 29 2014